



HÉLIA
CORREIA

PERDIÇÃO

EXERCÍCIO SOBRE
ANTÍGONA

■
FLORBELA

T E A T R O

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

600 658

HÉLIA CORREIA

PERDIÇÃO
EXERCÍCIO SOBRE ANTÍGONA
*
FLORBELA

Teatro

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1991

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Correia, Hélia

Perdição: exercício sobre Antígona; Florbela
(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-0963-X

CDU 869.0-2“19”

Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º

1098 Lisboa Codex — Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1991, Hélia Correia

1.ª edição: Novembro de 1991

Depósito legal n.º 51 065/91

Fotocomposição: MIRASETE — Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamento:

Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

Distribuição:

Diglivro — Rua Ilha do Pico, 3-B, Pontinha, Lisboa

Movilivro — Rua Gomes Leal, 93, Porto

ISBN: 972-20-0963-X

PERSONAGENS: **PERDIÇÃO**
EXERCÍCIO SOBRE ANTÍGONA

Antígona

Ama de Antígona

Euridice, mulher de Creonte

Ismênia, irmã de Antígona

Hémon, filho de Euridice e de Creonte

Creonte, rei de Tebas

Criado de Creonte

Menageiro

Guardas

Antígona morta

Ama morta

Tirésias

Para a Rita Salema

Para a Comuna

PERSONAGENS:

Antígona

Ama de Antígona

Eurídice, mulher de Creonte

Isménia, irmã de Antígona

Hémon, filho de Eurídice e de Creonte

Creonte, rei de Tebas

Criado de Creonte

Mensageiro

Guardas

Antígona morta

Ama morta

Tirésias

TRÊS PLANOS:

- 1) Tirésias, o adivinho cego, muito velho, preside e comenta os acontecimentos, longe do local da acção.
- 2) Um pátio do palácio de Tebas e depois a sala do trono. Aí se desenrolam os diálogos dos vivos.
- 3) Um campo de asfódelos na penumbra. As mortas devem atravessá-lo, perdendo cada vez mais a luz e a relação entre elas.

Um hino a Dioniso será entoado ao longo da peça, nas mudanças de cena, nos silêncios, ou como fundo em certos diálogos.

Coro das Bacantes
(Ditirambo)

Admite-se a presença de um Exarchôn, isto é, de um animador que dê sinal para o início da dança e provoque a espaços as respostas rituais das mulheres.

A dança é circular, pelo menos na intenção: visa entontecer até ao transe e à perda dos sentidos.

Pelo fogo da língua,
pelo sopro e o contágio da língua.

Pela boca,
os buracos do corpo que nos ligam
ao estrume
e ao alimento.

Os buracos do corpo onde entra o homem
e escorrem as sangrias,
por onde nos rebentam as crianças.

Ó bodezinho.

Ó tocador da flauta
que nos leva à loucura.

Ó tu, o mais terrível
e o mais doce dos deuses.

Ó dançarino,
ó condutor de feras.
Pelo fogo da língua te chamamos,
ó mugidor.

À roda, à roda, à roda,
oh, a cabeça à roda para trás,
essa cabeça
separada do corpo,
cabeça sacudida,
ombros picados
pelo grande aguilhão.
Ah, raparigas,
será isto o amor?

Dionysos Baccheios!
Euoi, euoi! Iú-Iú!
Deita-nos o teu cuspo,
o cuspo de oiro
que nos faz rir
e levantar as saias.
O teu belo bastão
onde se enroscam
a vide e a folha de hera.
Oh, que escorra essa espuma
pela nossa barriga,
que nos faça deitar,
ó touro. Ó gritador!

Dionysos Bromios!
Euoi, euoi!
Chegou o ruidoso!
O deus que se ouve ao longe
a ribombar,
a remoer,
a comover a terra.

E galopa, galopa,
esta criança
com seus cascos azuis.
O perseguido
que ama perseguir.
Ah, o grande insensato,
o passageiro,
o risonho senhor
da escuridão.
Oh, por onde nos levas?
Para onde?
O som da tua flauta enrosca,
enrosca,
desce pelas goelas,
queima e encharca.
À roda, à roda, à roda,
raparigas.
Temos o deus em nós.
É isto o amor?

Euoi, iú-iú!
Euoi, ó Baco!
Ah, que longe está Tebas,
longe a lei.
Longe os terraços,
longe os leitos, oh!
Dá-nos o gozo, ó deus,
escorrega e arde,
delícia das entranhas, saborosa
perdição dos sentidos.
Faz-nos voar.
Arranca-nos soluços.
Amanhã morreremos
e é preferível
pensar que por ti, sim,
valeu a pena.

Ômadios!
Comedor de carne crua!
Euoi! Euoi! Iú-iú!
Para os teus dentes agudos,
para as tuas mãos cobertas
de cabelo
atiramos a carne
ainda viva.
A carne em transe.
A carne palpitante.
Gemente,
com o som da agonia.
A carne,
a doce carne que fumega.
O corpo desmembrado das pequenas
criaturas macias.
Dos cabritos.
Dos filhos das mulheres.
Das gazelinhas cuja pele
depois
lançamos sobre os ombros.
Para que o sangue circule.
O sangue quente
empurra a Primavera.
Ferve, murmura
sob o animal,
a coisa comestível,
a singular
a sempre condenável
existência dos homens.
Ó deus, tu que enlouqueces a quem amas
tanto como a quem queres
aniquilar.
Deus do momento.
Deus multiplicado
numa dobra da noite.

No minuto
de uma respiração.
Recebe o nosso excesso,
as nossas mãos
capazes de dar morte
sem nenhum instrumento.

Tocamos-te,
ó cinzento deus dos bosques.
Tocamos-te,
atrevemo-nos,
e é tudo.
Toda a história do mundo
há-de esvair-se
como as nossas pegadas.
Deus da treva
e do uivo.
Fiquem uivos
e trevas
porque não há memória
e a alma esquece,
seja qual for o modo
de existir.

Ó magnífico caos,
ai, a volúpia
das praças saqueadas.
O gelo tudo cobre
e eis que rebentam
novamente as primícias.
Para coisa nenhuma.
Como as cegas aranhas
lançando as suas teias
sobre a cal.
Sobre os brancos
desertos.

Vivamos pois
profundamente o instante.
O fascinado incêndio,
e vão capricho.
Embala-nos na tua bebedeira,
eleva-nos e deixa-nos cair,
ó mistura do vinho,
ó deus das ventas
nunca saciadas.

À roda, à roda, à roda,
raparigas,
euoi, euoi, iú-iú, espojadas,
rastejantes,
alegres como bichos,
apavoradas como bichos.
Bichos.
À roda, à roda.
Será isto o amor?

Tirésias

— Sentir-se-ão os que vêm ao abrigo do que é visto?
Acomodar-se-ão no escasso conforto dos seus bancos, di-
zendo: «Ora ali estão a morte e os seus heróis. Vejamos como
se disputam e seduzem.»

Não conhecerão pois o horror e a piedade porque os seus
olhos se acham escudados. Nada sabem dos cantos e das dan-
ças, não soltarão o uivo nem o riso.

Talvez o sangue se lhes arrefeça um pouco, e pensarão:
«Não há razões para ter medo. Nem sequer deverei tomar
partido.»

Terão a boca seca e a língua endurecida e isso fá-los-á lem-
brar da chuva e da espantosa alteração dos climas. Perderão
por instantes o fio da tragédia.

E dirão: «Afinal acaba bem, visto que é recontado ao longo das idades. Acaba bem, já que faz parte da memória.»

E, sentindo-se assim defendidos dos velhos e divinos pavores, suspirarão de alívio. Porque não são e não podiam ser Antígona.

Aliás, tais coisas nunca aconteceram.

Vivos

Antígona — O que eu pensava nela! Durante todo o exílio, dava por mim a pensar nela, a querer-lhe bem.

Ama — Parece mal prender-se um ser humano e dotado de fala a um bicho qualquer. Pensas demasiado na cadela.

Ant. — À noite, no pavor, entre as covas das pedras, punha-me a lembrar dela. Via-a saltar, a querer chegar-me à cara. Com o pelozinho branco tão sujo de poeira. Ouvia-lhe os latidos, e então tinha receio de que a tratassem mal.

Ama — E porque havia alguém de a tratar mal? Era a tua cadela.

Ant. — Mas desapareceu. Era o que eu mais ansiava por rever. Julguei que a tinhas sustentado e protegido, e afinal não quiseste saber dela!

Ama — Já te disse que foi atrás de ti. Seguiu-te, e ao teu pai,

Mortas

Antígona — Ainda me lembro dela. Da minha cadelita.

Ama — Matei-a. Bem sabias que eu a tinha matado.

Ant. — Não consegui compreender porquê.